

ESCOLAS E MESTRES EM CAMPO GRANDE NA HISTORIOGRAFIA MEMORIALÍSTICA DE JOSÉ BARBOSA RODRIGUES

SCHOOLS AND TEACHERS IN THE LARGE FIELD
MAPPING OF HISTORIOGRAPHY MEMOIRS OF
JOSÉ BARBOSA RODRIGUES

Daniela Felisberto da Silva¹

Jacira Helena do Valle Pereira²

RESUMO: Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso que teve como objeto de estudo mestres e escolas em fontes da historiografia memorialística de José Barbosa Rodrigues. A utilização de fontes que trazem memórias permite a superação do historicismo e a percepção de elementos não diretamente citados pelo memorialista, porém inscritos nas entrelinhas dos relatos. O embasamento teórico-metodológico está pautado nas contribuições de autores como: Alves (2003, 2005); Centeno (2006) e Oliveira e Rodrigues (2009). Após as leituras na historiografia memorialística de José Barbosa Rodrigues encontramos escritos confirmados e contrapostos pela historiografia acadêmica. Compreendemos que a pesquisa em educação pode encontrar nas fontes memorialísticas, elementos indispensáveis na compreensão do processo histórico educacional.

Palavras-chave: Mestres e escolas. Fontes memorialísticas. José Barbosa Rodrigues.

1 Curso de Mestrado/PPGEdu/UFMS. E-mail: danifsonline@gmail.com

2 PPGEdu/UFMS. E-mail: jpereira.dou@terra.com.br

Abstract: This article results from the coursework which had as its object of study the teachers and schools in sources of José Barbosa Rodrigues's memorialistic historiography. The use of sources that bring memories allows the overcoming of historicism and the perception of elements not directly cited by the memorialista but registered between the lines of the records. The theoretical and methodological base are the contributions of authors like: Alves (2003, 2005); Centeno (2006) and Oliveira and Rodrigues (2009). After the readings in José Barbosa Rodrigues's memorialistic historiography we found confirmed and opposed writings by the academic historiography. We understand that education research can find, in the memorialistics sources, essential elements to understanding the historical process of education.

Keywords: Teachers and schools. Memorialistics sources. José Barbosa Rodrigues.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um exercício analítico com as fontes da historiografia memorialística de José Barbosa Rodrigues e tem como objeto mestres e escolas da história campo-grandense. A escolha da metodologia em questão surgiu por se considerar que os escritos de memorialistas contribuem com os estudos historiográficos, pois enfatizam elementos que complementam os dados apresentados nas demais fontes.

Ao descrever os fatos ocorridos, o memorialista não deixa de ser parte integrante da história apresentada, uma vez que, sentindo-se à vontade para discorrer sobre o que considera pertinente, traz também sua experiência frente ao que relata.

A utilização de fontes memorialísticas - quando feita de modo cuidadoso e com referenciais teóricos que deem suporte às análises do pesquisador – permite a superação do historicismo e a percepção de elementos não diretamente citados pelo memorialista, porém inscritos nas entrelinhas dos relatos. Desse modo, tais obras são uma fonte de pesquisa instigante, pois retratam momentos históricos pela voz dos sujeitos que presenciaram os fatos relatados:

Parece-nos relevante [...] destacar a importância da literatura regional como fonte de informações sobre as diferentes temáticas e problemáticas educacionais nas diversas partes de nosso vasto território nacional. Essa questão vem sendo apenas recentemente tematizada na historiografia da educação brasileira, que tendeu a centrar-se nas regiões hegemônicas do país, de onde se irradiam as novas ideias e os modelos culturais. (XAVIER, 2008, p. 238).

Ou seja, a partir da análise científica das fontes, o pesquisador consegue captar informações não presentes nas produções historiográficas oficiais, pois o memorialista, ao relatar as experiências vividas, escreve por diletantismo e tem interesses ideológicos de registrar feitos e personalidades que considera relevantes em sua época:

[...] os memorialistas, envolveram-se diretamente com as questões tratadas, foram protagonistas dos relatos e registraram impressões sobre o passado próximo ou sobre o presente, com base em suas lembranças, sem a pretensão de abordar a história de forma sistemática. (CENTENO, 2007, p. 33).

Nesse aspecto, busca-se evidenciar as fontes memorialísticas como materiais complementares ao que trazem outras fontes documentais, uma vez que são obras de pessoas que vivenciaram o período investigado. Em contrapartida, reconhece-se a análise com fontes memorialísticas como algo desafiador, sendo necessário o conhecimento do contexto histórico e social a ser pesquisado:

Sayad desmistifica o uso das biografias, das histórias de vida, método que ele considera importante, mas que não se deve tomar de forma incauta. Mostra que histórias de vida, biografias constituem uma fonte – um artifício – para superar a indigência resultante da falta de arquivos, documentos, dados sociais que permitam comparações. Além disso, não basta ao analista simplesmente explicar o significado de uma ou outra palavra mas situar a biografia no conjunto das condições históricas e sociais das quais ela emerge. (BLAY, 2000, p. 3).

Torna-se evidente, nesse contexto, que a utilização de fontes memorialísticas – desde que feita com suporte teórico devido e permeada pela criticidade -, é uma técnica relevante, uma vez que o memorialista é também um retrato da sociedade na qual está imerso e, portanto, pode evidenciar em seus escritos fatos que complementam dados da historiografia acadêmica.

Com os esclarecimentos iniciais, este artigo tem como objetivo responder às seguintes indagações: qual a diferença entre memorialista e historiador? Quem foi José Barbosa Rodrigues e qual sua participação na história da educação campo-grandense? Como são retratados os professores e escolas em Campo Grande/MS nas obras do memorialista?

O artigo está organizado da seguinte forma: no primeiro tópico são trazidas as definições de “memorialista” e “historiografia”, no segundo

é feita análise das obras do memorialista José Barbosa Rodrigues e nas considerações finais é retomada a discussão sobre as contribuições fornecidas por fontes memorialísticas analisadas por uma perspectiva histórico-social.

Para tanto, o embasamento teórico-metodológico está pautado nas contribuições de autores, como Alves (2003; 2005), Centeno (2007), Oliveira e Rodriguez (2009), entre outros.

“MEMORIALISTA”, “HISTORIOGRAFIA” E AS SIGNIFICAÇÕES PARA ESTUDOS CIENTÍFICOS

Este tópico objetiva conceituar “memorialista” e “historiografia”, a fim de esclarecer os papéis fundamentais de ambos em investigações científicas. Compreender tais conceitos é o ponto de partida para o pesquisador que pretende realizar um estudo com fontes memorialísticas, que, uma vez analisadas à luz da historiografia acadêmica, tornam-se importantes materiais que complementam as informações trazidas (contidas) nos documentos oficiais.

Memorialistas se baseiam no senso comum, e suas obras não são simples escritos e lembranças, pois retratam representações de grupo e podem, inclusive, desempenhar o papel de construtores de uma identidade regional. Nesse aspecto, são autores que:

[...] envolveram-se diretamente com as questões tratadas, foram protagonistas dos relatos e registraram impressões sobre o passado próximo ou sobre o presente, com base em suas lembranças, sem a pretensão de abordar a história de forma sistemática. Geralmente, escreveram sob a forma de crônicas e consultaram, sobretudo, fontes orais. Não revelaram rigor nas citações de suas fontes ou omitiram-nas inteiramente, o que não significa desinformação nem ausência de consultas, inclusive, às fontes escritas. (CENTENO, 2007, p. 33).

As contribuições de Centeno (2007) fazem perceber que o fato de trazerem óticas do senso comum, sem pretensões acadêmicas, não desvaloriza a fonte memorialística como material de relevante contribuição para pesquisas científicas, pois, mesmo o senso comum carrega aspectos da identidade de um povo:

Embora o senso comum seja a base do preconceito e apresente superficialmente a realidade, nem por isso ele é de todo falso ou sem valor algum. No dizer de Gramsci, “em todo senso comum há sempre algo de bom senso”. No entanto, este senso comum

precisa ser reconstruído, analisado, refletido aos olhos do conhecimento científico. O conhecimento empírico não é desprezado pelo conhecimento científico, mas, sim, analisado de outra forma. (DALAROSA, 2000, p. 98).

Acrescenta-se, ainda, que Alves os define como “historiadores diletantes”, sendo intelectuais externos ao universo acadêmico, o que, porém, não os impede de produzir obras de cunho histórico ao escreverem suas memórias pelo prazer de relatá-las:

[...] historiadores diletantes, que se entregam à tarefa de registrar os eventos mais marcantes das regiões onde vivem. Já há quem tenha denominado esses estudiosos de historiadores municipais. Suas obras incluem importantes registros sobre a educação, em especial os referentes às primeiras escolas, aos primeiros professores, a festas escolares etc. [...]. (ALVES, 2003, p. 37).

O excerto permite compreender que os memorialistas não focam seus escritos apenas no individual, mas também no coletivo. Ainda com relação às caracterizações de fontes memorialísticas, Olmi (2006, p. 2) contribui ao discutir o papel do gênero memorialista nas pesquisas:

[...] nas duas últimas décadas, o projeto autobiográfico veio absorvendo uma surpreendente variedade de interesses, demonstrando que a leitura de uma autobiografia, associada ao escrutínio crítico do contexto no qual foi produzida, pode fornecer uma visão ampla não somente do autobiógrafo, mas também das condições sociais, culturais, políticas e psicológicas que gravitam ao redor de quem escreve a seu respeito.

Nesse aspecto, se o pesquisador ler as obras sem o suporte de fontes historiográficas acadêmicas corre o risco de desenvolver uma percepção superficial ou equivocada do que é retratado pelo memorialista e, conseqüentemente, não captar os elementos relevantes para seus estudos de forma crítica e reflexiva:

O documento não fala por si só [...]. O certo é que a teoria faz o documento falar. E, às vezes, o pesquisador enfrenta a necessidade de abandonar as falsas pistas dos documentos para fiar-se em indícios esparsos, em ruínas informativas que resistiram à ação das figuras ligadas ao poder, ávidas por apagar os registros de um passado que não querem olhar de frente. Documentos já

foram produzidos, inclusive, para induzir uma visão falsa sobre acontecimentos importantes. Portanto, que a importância do documento não seja escamoteada, mas que seja, também, colocada no seu devido lugar e que o pesquisador tenha o domínio teórico para se situar no ‘lodaçal’ documental; para separar o joio do trigo e para realizar a interpretação científica consequente com os pressupostos da matriz epistemológica que preside a sua análise. (ALVES, 2005, p. 21-22).

Após tais esclarecimentos, aborda-se sobre do que se tratam fontes historiográficas. José Claudinei Lombardi, na conferência *História e historiografia da educação no Brasil*, proferida no III Colóquio do Museu Pedagógico, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, discute, entre outros pontos, o conceito de historiografia:

[...] a historiografia implica e pressupõe o uso de métodos e teorias que alicerçam o processo e o resultado da construção do conhecimento historiográfico. Em linhas gerais, acho que existem no âmbito da pesquisa historiográfica as mesmas concepções e tendências que incidem no fazer científico do historiador, ou sejam: positivistas; [...] fenomenológicas; [...] dialéticas [...]. (LOMBARDI, 2003, p. 8-9).

A partir das considerações do autor, pode-se extrair que as fontes historiográficas são produções que apresentam a História como ciência, ou seja, são um conhecimento científico que:

[...] possui características bem distintas do **senso comum** por ser “certo na medida que explica os motivos de sua certeza” (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 8). É reflexivo, sistemático, analítico, lógico. As explicações do conhecimento científico, embora não apresentem a verdade absoluta e eterna, vão muito além das construídas pelo senso comum, desqualificam os preconceitos e reconstrói a realidade com um novo olhar. (DALAROSA, 2000, p. 99).

Centeno (2007, p. 33) também conceitua os estudiosos da área historiográfica. De acordo com a autora, esses “[...] elegeram temáticas mais precisas ou se propuseram a escrever a história cronologicamente, procurando relatar os fatos de forma objetiva e retratando os acontecimentos desde o período de ocupação e colonização”.

Em síntese, o historiador organiza seus estudos pautando-se em uma metodologia criteriosa, que o permite analisar tempos passados de maneira crítica e reflexiva.

JOSÉ BARBOSA RODRIGUES: BIOGRAFIA E CAMINHO PERCORRIDO EM CAMPO GRANDE

Nascido em 30 de junho de 1916, em Poços de Caldas, Minas Gerais, José Barbosa Rodrigues foi um jornalista e professor que firmou raízes em Mato Grosso do Sul. Para conhecer sua biografia foi consultada a obra de Maria da Glória Sá Rosa, *Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce: Campo Grande cem anos de história*, que traz elementos sobre diversas personalidades da capital sul-mato-grossense.



José Barbosa Rodrigues. Fonte: Portal “Fundação Barbosa Rodrigues”

A autora explana que o memorialista teve origem humilde, pois o pai era carpinteiro e a mãe lavadeira. Destaca-se, ainda, que ele:

[...] Só **começou a frequentar uma escola aos sete anos. Antes disso, o pai pagava cinco mil réis a um professor particular para alfabetizá-lo.** Conta ele, com muito senso de humor, que os pais lhe ensinaram todo o serviço doméstico: lavar, passar, cozinhar, além de obrigá-lo a cuidar dos irmãos menores, tarefas essas que lhe temperaram o caráter e ajudaram-no a enfrentar qualquer tipo de trabalho. (ROSA, 1999, p. 96, grifo nosso).

Sobre o fato de os pais ensinarem-lhe, desde cedo, os serviços domésticos, bem como a cuidar dos irmãos mais novos, ~~e a partir da~~ a conclusão de José Barbosa Rodrigues de que esses encaminhamentos contribuíram em sua constituição pessoal, pode-se remeter à teoria do *habitus*, de Pierre Bourdieu (2004, p. 158):

O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e

apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência [...] produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas [...]. as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social.

Nesse aspecto, o *habitus* incorporado fez com que o memorialista atribuísse um valor simbólico às práticas domésticas e, além disso, se sentisse apto a “enfrentar qualquer tipo de trabalho”, uma vez que o fato de realizar essas tarefas desde cedo o fez conceber os compromissos cotidianos com naturalidade.

Quanto ao trecho destacado, no que tange à sua educação escolar, nota-se que, mesmo “humilde”, como relata Rosa (1999), o pai não mediu esforços para que o filho se alfabetizasse. Nesse aspecto, pagar um professor particular antes do ingresso na escola caracterizou-se como uma estratégia de escolarização.

Gonçalves e Gonçalves (2010, p. 56), interlocutores de Bourdieu, explicam de modo prático e claro como esta é definida na teoria do sociólogo. Trata-se de “[...] investimentos para formação de agentes dignos ou preparados para receber, conduzir, manter ou expandir sua herança [...]”. Há que se destacar que a escolarização de José Barbosa Rodrigues foi bem sucedida, pois ao concluir o ginásio estudou Filosofia, tendo uma longevidade escolar.

No que tange à relação com Campo Grande, José Barbosa Rodrigues mudou-se para a referida cidade em 1943, junto com esposa e um filho mais velho:

Com uma carta do governador de **Ponta Porá**, a cujo território se destinava, chegou a **Campo Grande** em 1943, em companhia da esposa e de um filho. Quando descobriu que não havia trem para aquela cidade, perguntou a si mesmo: o que vou fazer num lugar sem vias de comunicação? Tomou então a decisão de estabelecer-se em **Campo Grande**, um município com trinta e poucos mil habitantes, que o encantou pelas ruas largas e pela receptividade do povo. Para isso, precisava antes de mais nada arranjar um emprego para a esposa. (ROSA, 1999, p. 97, grifos da autora).

A oportunidade de trabalho para D. Henedina, esposa do memorialista, não tardou a aparecer. Com diploma de normalista, um anúncio no jornal deu início ao primeiro vínculo profissional do casal em Campo Grande:



Henedina Hugo Rodrigues. Fonte: Portal “Fundação Barbosa Rodrigues”

A esposa [...] tinha diploma de normalista de primeiro e segundo graus, o que a habilitava a ensinar em qualquer escola, em que houvesse vagas. Foi então que descobriu um anúncio no jornal, procurando uma professora para lecionar na Escola Boa Vista, da Mata do Ceroula, mantida pelos japoneses. No Café Rincão, por indicação do anúncio, encontrou **Oshiro Takimore**, diretor da escola, que a contratou. No dia seguinte, uma carroça transportou o casal até a Mata do Ceroula, onde iniciaram a vida profissional. (ROSA, 1999, p. 97, grifo da autora).

Como se pode observar, a docência do memorialista não teve início de imediato, porém, mais uma vez a oportunidade bateu à porta daquela família. Rosa (1999, p. 97-8) explana a história relatada pelo amigo e registra mais um ponto do trajeto percorrido por José Barbosa Rodrigues.

Durante um ano, diz ele, ficou sendo o marido da professora. No ano seguinte, substituiu a professora **Joelina de Almeida Xavier**, que resolvera deixar o estabelecimento, incorporando-se assim ao corpo docente de uma escola onde cada professor era dono da sua sala de aula. As questões relativas ao ensino eram resolvidas

pelos inspetores **Euripiádes da Costa Lima e Diomedes Rosa Pires**. Desde que a disciplina fosse observada e os professores cumprissem suas obrigações, tudo estava bem. (grifos da autora).

Em 1946, dois anos após o início de sua docência em Campo Grande, surgiram duas novas possibilidades de trabalho e José Barbosa Rodrigues finalizou sua docência na Escola Boa Vista: “[...] Pouco depois de escrever dois ou três artigos, foi convidado para trabalhar no Jornal do Comércio, o que determinou a vinda para Campo Grande, onde exerceu também o cargo de inspetor da Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora”. (ROSA, 1999, p. 98-9).

O trabalho no jornal começou em uma função simples, porém, escrever artigos sobre os fatos que ocorriam na época lhe rendeu a promoção de cargo. Segundo José Barbosa Rodrigues, a decisão por mudar o ramo de trabalho se deu em razão do baixo salário destinado aos professores, naquela época, o que fez surgir uma preocupação, já que possuía família para sustentar.

Trabalhar na redação do *Jornal do Comércio* o impulsionou a continuar na área de comunicação e, anos mais tarde, ele adquiriu o próprio veículo de imprensa: *Correio do Estado*, o qual, fundado em 1954, foi vendido pelos antigos empresários. José Barbosa Rodrigues construiu ainda os seguintes patrimônios: TV Campo Grande, Rádio 94 FM e Cultura AM. Além disso,

Muito ligado ao processo cultural do Estado, [...] é sócio fundador da Academia Sul-mato-grossense de Letras de que foi presidente. Pertence ao Instituto Histórico de Mato Grosso do Sul, onde também exerceu a presidência e foi vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura. Pertence ainda ao Instituto Nacional. (ROSA, 1999, p. 107).

Em Campo Grande, não apenas traçou sua trajetória pessoal, mas também participou da constituição histórica da cidade. Rosa (1999, p. 104-5) destaca que:

A principal campanha em que se envolveu foi a da criação do Estado de Mato Grosso do Sul, para a qual contribuíram os artigos de Oclécio Barbosa e Paulo Coelho Machado. Outra foi a criação da Universidade Federal, na qual destaca a visão de futuro do ex-governador Pedro Pedrossian, que lançou as principais obras do Estado e criou duas universidades uma em Cuiabá outra em Campo Grande. Lembra José Barbosa Rodrigues que as primeiras

publicações sobre a necessidade da abertura de cursos superiores em Campo Grande saíram no Correio do Estado. Até mesmo depois de criadas as faculdades, noticiava todas as viagens de Dr. João Pereira Rosa a Brasília, a Cuiabá e ao Rio de Janeiro no trabalho em prol do ensino superior em Mato Grosso do Sul.

Em relação às suas obras, o memorialista preocupou-se em deixar registrados elementos históricos de Mato Grosso do Sul. O quadro abaixo expõe os livros publicados:

Obras de José Barbosa Rodrigues

OBRA	ANO	ASSUNTO
Palavras de um professor (discursos)	1949	-
Campo Grande, meu amor (didático)	1978 e 1981 (2ª edição)	Campo Grande, MS – História
Isto é Mato Grosso do Sul	1978	Mato Grosso do Sul – História
História de Campo Grande	1980	Campo Grande, MS – História
Histórias da Terra Mato-Grossense	1983	Mato Grosso – História
História de Mato Grosso do Sul	1985	Mato Grosso do Sul – História
Meus haicais (poemetos japoneses)	1987	-
Glossário Mato-Grossense	1987	Língua portuguesa - Regionalismos - Mato Grosso do Sul – Dicionários
Primeiro jornal de Campo Grande	1989	Jornalismo - Mato Grosso do Sul Mato Grosso do Sul – História
Pedras lascadas (poemetos nipo-brasileiros)	1998	Poesia brasileira – Mato Grosso do Sul

Fonte: Portal Biblioteca Central UFMS e Portal Correio do Estado. Organização: SILVA, 2012.

Como se pode observar, dos 10 (dez) livros publicados, 6 (seis) têm como assunto a história do Estado. Durante a pesquisa, constatou-se na obra *Meus haicais* e *Pedras lascadas* o resultado da boa relação que o autor construiu com a comunidade japonesa residente na capital, uma vez lembrando que seu primeiro trabalho foi na Escola Boa Vista, da Comunidade Mata do Ceroula. Quanto ao interesse em escrever sobre a capital e o estado pode-se destacar o que ele traz na apresentação do livro “História de Campo Grande”:

O volume que o leitor tem em mãos é o resultado de mais de vinte anos de pesquisas. Durante todo esse tempo, aproveitando as horas das madrugadas, procurei ler e anotar tudo que outros escreveram sobre Campo Grande. [...] Não acredito que esta “História” seja definitiva, mas procurei, separando o verdadeiro do fantasioso, ser

o mais fiel possível, baseado na tradição oral e escrita que consegui colher. Além dos livros consultados, a pesquisa abrangeu muitas centenas de antigos jornais e revistas. [...]. O maior repositório dos primeiros dias da cidade, era a Biblioteca Municipal. A cada reforma feita, tudo o que era considerado “velho” foi incinerado. Por duas ou três vezes as chamas inquisitoriais da ignorância devoraram aquilo que seria hoje documentário histórico. Graças a esses incendiários, Campo Grande será para sempre uma cidade sem passado, sem história. Esse desprezo pelo passado fez com que os possuidores de alguns documentos os guardem avaramente, enquanto vivem. Os seus descendentes, certamente os queimarão como papéis velhos... Este livro é, portanto, uma tentativa de preservar o pouco que consegui reunir até agora. (RODRIGUES, 1980, p. 11-12).

O trecho revela que o fato de o autor decidir escrever por conta própria não o impediu de buscar dados em fontes diversas. Não se conhece qual o critério utilizado para separar “o verdadeiro do fantasioso”, mas não se pode negar que vinte anos de pesquisa é um tempo considerável, uma vez que podem ser colhidos diversos aspectos da história regional.

Ainda destaca-se a preocupação do autor em deixar registrada essa história a partir do momento em que o “velho” foi anteriormente desvalorizado. As palavras de José Barbosa Rodrigues destacam uma das características dos memorialistas: contribuir para deixar uma época registrada em tempos futuros, partindo de sua percepção sobre o que considera pertinente.

Por fim, após ser abordada parte da biografia e as obras publicadas, o tópico a seguir tem como foco os mestres e escolas retratados nos livros “Palavras de um professor” (1949); “História de Campo Grande” (1980) e “Campo Grande, meu amor” (1981).

ESCOLAS E MESTRES NA OBRA DE JOSÉ BARBOSA RODRIGUES SOB UMA ANÁLISE CRÍTICA

Nesse tópico são apresentadas as escolas e os mestres que José Barbosa Rodrigues trouxe nas obras supramencionadas, ao mesmo tempo em que se busca fazer uma interlocução com o que traz a historiografia acadêmica. Por ordem cronológica, iniciam-se as discussões a partir dos relatos trazidos no livro *Palavras de um professor* (1949). A obra é uma coletânea de três discursos do memorialista em diferentes momentos, na função docente.

De acordo com o memorialista, o primeiro discurso é de 1946, ocasião em que, escolhido pela comunidade da Mata do Ceroula, saudava a visita do governador Arnaldo Estevão de Figueiredo durante comemoração do 20º aniversário da colônia. Dentre outros pontos, explanou sobre a Escola Boa Vista, na qual lecionava junto com a esposa, D. Henedina, e retratou qual o objetivo da educação em sua perspectiva:

[...] é esta escola, modesta da sua construção, mas agigantada no número de crianças alfabetizadas e instruídas, através dos vários anos de sua existência. Bastaria esta casa para motivar grande e nobre orgulho, pois aqui se tem plasmado o espírito de centenas de **jovens, que irão construir o Brasil do futuro** [...]. (RODRIGUES, 1949, p. 6, grifo nosso).

Infelizmente, não foram encontradas fontes da historiografia acadêmica que trouxessem elementos da referida escola, o que instiga a, futuramente, pesquisar como ocorria o ensino e quem eram os professores da instituição, pois não se pode ignorar o fato de que os imigrantes japoneses fizeram e fazem parte da história campo-grandense.

O segundo discurso foi proferido na inauguração do curso intensivo da Escola Normal Joaquim Murinho, em 3 de abril de 1948. José Barbosa Rodrigues foi designado, pelo diretor Múcio Teixeira Júnior, a pronunciar-se em nome do corpo docente da escola:

Sempre é motivo de alegria e de contentamento a abertura de uma nova escola, seja ela a mais humilde possível, pois tal conhecimento trará, mais tarde, grandes benefícios à humanidade. Se essa escola é secundária ou superior, maior é o júbilo que invade nossos corações amantes da instrução e do progresso. Porém, se essa casa de Ensino é uma **Escola Normal**, então a alegria, o contentamento e a satisfação atingem o máximo do que é capaz o coração humano, pois dela sairão os plasmadores das gerações futuras, os forjadores dos caracteres dos cidadãos do porvir, **os construtores da Pátria de amanhã**. (RODRIGUES, 1949, p. 10, grifo nosso).

O trecho mostra a importância que o memorialista atribuía à escola, demonstrando um grande valor à profissão docente. Nesse aspecto, ao mesmo tempo em que conhecia a relevância social da Escola Normal, contribuiu para a formação de novos profissionais da área de educação.

Quanto à personalidade Múcio Teixeira Júnior, também citada pelo memorialista, destaca-se uma breve biografia até sua chegada à Escola Normal Joaquim Murtinho. A revista *Campo Grande – Personalidades* (2002) publicou um artigo escrito por Maria da Glória Sá Rosa na obra *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul*, em que a autora fala sobre o professor.

Ele lecionou nos colégios Dom Bosco e Osvaldo Cruz e foi diretor da Escola Normal Modelo Anexa (1930 a 1932), fundou o Ateneu Rui Barbosa (ensinos primário e secundário até 1952) e foi examinador das provas de vestibular da primeira Faculdade de Odontologia e Farmácia de Campo Grande. Por fim, foi diretor da Escola Normal Joaquim Murtinho, entre 1930 e 1932; 1935 e 1940; e de 1948 a 1951.

Sobre o surgimento das escolas normais, Oliveira e Rodríguez (2009) explanam que o antigo sul de Mato Grosso passou por uma transformação econômica e social a partir de 1914, quando a expansão ferroviária e rodoviária fez com que a região se tornasse um centro de transações comerciais. Esse novo cenário impulsionou o processo de imigração, não só de diferentes povos para o estado (árabes, japoneses, italianos, etc.), mas também de fazendeiros e comerciantes em geral:

Essas transformações incentivaram durante os anos de 1920 e 1930 a expansão da rede escolar, especificamente grupos escolares, escolas reunidas, escolas isoladas distritais, escolas isoladas rurais e algumas Escolas Normais, instaladas nas principais cidades do sul do estado (Campo Grande, Aquidauana e Corumbá). (OLIVEIRA; RODRÍGUEZ, 2009, p. 106).

No caso, o colégio Joaquim Murtinho, relatado tanto por José Barbosa Rodrigues, quanto por Múcio Teixeira Júnior, foi o primeiro grupo escolar de Campo Grande, sendo instalado em 13 de junho de 1922. O nome, porém, só foi determinado em 5 de junho de 1924, por meio do Decreto n. 669.

Ainda de acordo com Oliveira e Rodríguez (2009), foi em 21 de abril de 1930 que Aníbal de Toledo assinou a instalação da Escola Normal de Campo Grande junto ao referido colégio, tornando-se, então, a primeira instituição sul-mato-grossense a oferecer essa modalidade de ensino.

Em outro discurso da obra, datado de 8 de abril de 1948, então 1º aniversário do governo de Arnaldo Estevão de Figueiredo, o memorialista evidencia as medidas tomadas pelo político para melhorar o salário do professorado estadual, bem como as condições de ensino da instrução pública:

Em todos os recantos do estado, tanto nos mais civilizados, como nos mais incultos e atrasados, erguem-se inúmeras escolas primárias que, difundindo as luzes do alfabeto, e preparando as gerações futuras, lá estão a atestar o zêlo, o carinho e o amor que o atual Governo vem dispensando à instrução do nosso povo. (RODRIGUES, 1949, p. 14).

Ainda que o discurso traga esse olhar com relação à gestão de Arnaldo Estevão de Figueiredo (1947-1950), Oliveira e Rodríguez (2009) expõem que o governador seguinte, Fernando Corrêa da Costa (1951-1956), fez rigorosa crítica ao anterior para com o setor educacional:

O orçamento para 1950 consignou ao serviço do ensino verba bem superior á quota de 20% das rendas tributárias do Estado, fixada na Constituição. A esse dispêndio, entretanto, não corresponde o resultado que se está obtendo. O nosso serviço de instrução, nos seus diversos graus, está requerendo imediata reestruturação, pela decadência em que jaz, especialmente pela ausência de diretrizes pedagógicas. O corpo de professores muito deixa a desejar, pela deficiência que apresenta na sua preparação pedagógica e mesmo intelectual. [...]. (MATO GROSSO, Mensagem..., 1951 *apud* OLIVEIRA; RODRÍGUEZ, 2009, p. 118).

Nesse aspecto, a partir dessa contribuição, a pesquisa das autoras é relevante, uma vez que ao mesmo tempo em que complementa, contrapõe as informações trazidas na obra do memorialista.

Por último, sobre a Escola Normal Joaquim Murinho, evidencia-se o que o memorialista explanou em seu discurso na reabertura da instituição, para, em seguida, realizar-se um novo diálogo com a historiografia acadêmica:

Meus senhores: uma Escola Normal, pelo menos uma em todo o Estado, era a aspiração máxima da gente mato-grossense. Era com bastante pesar que víamos, dia a dia, aumentar o número de matrículas, nos nossos grupos e nas nossas escolas primárias, de crianças que clamavam pela sua educação, enquanto que as mestras e os mestres improvisados, apenas conduzidos pelo bom senso, ascendiam à cátedra para exercerem a difícil e espinhosa missão do magistério. [...] Não condeno [...] a boa vontade, a abnegação e o heroísmo dessas professoras que, sem preparo necessário, tomaram sobre seus ombros tão difícil empreendimento. Louvo-as,

aplaudo-as, cumprimento-as, mas condeno o gesto dos governos passados que, sob a desculpa de reformarem o ensino normal no Estado, fecharam as escolas existentes, com grande prejuízo para a nossa infância, para os nossos filhos. (RODRIGUES, 1949, p. 11).

O trecho acima traz uma grande carga de “encantamento” por parte de José Barbosa Rodrigues, especialmente porque enaltece Arnaldo Estevão de Figueiredo como um governador atento às questões educacionais da época. “Esse chefe de governo que vem amparando tão carinhosamente o nosso ensino, deve, mais uma vez, ser lembrado nesta solenidade [...]”. (RODRIGUES, 1949, p. 11).

De acordo com Oliveira e Rodríguez (2009), o governador Fernando Corrêa da Costa apresentou à Assembleia Legislativa, no ano de 1953, um relatório que trazia os investimentos feitos em prédios escolares desde 1946, o qual apresentava dados que iam contra o discurso de José Barbosa Rodrigues com relação aos direcionamentos de Arnaldo Estevão de Figueiredo, para um ensino de qualidade, uma vez que, de acordo com o documento, este não havia investido o necessário na educação.

Após essas breves discussões, fica evidente o motivo pelo qual é indispensável a análise crítica das narrativas de memorialistas. Por mais que esses autores sejam também personagens das histórias que deixam registradas, podem ter seu discurso e concepções influenciados por ideologias políticas, as quais nem sempre apresentam a realidade integral dos fatos retratados.

No livro “*História de Campo Grande*” (1980), o único relato sobre a educação aparece no subtítulo “O primeiro mestre”, em que o memorialista apresenta a história de José Rodrigues Benfica que, de acordo com a obra,

[...] cumpria satisfatoriamente a sua missão [...] possuía, segundo um de seus alunos que com ele aprendera as primeiras letras, coração magnânimo e uma alma boa, apesar da severidade dos seus traços fisionômicos que infundiam respeito e veneração. [...] os mais destacados cidadãos da Freguesia resolveram, por meio de um abaixo assinado promover uma subscrição para que José Rodrigues Benfica aqui permanecesse. [...] No final desse documento, [...] vinham as seguintes assinaturas: **Manoel Joaquim de Carvalho**, [...] **Bernardo F. Baís**, [...] **Manoel da Costa Lima**, [...] Graças a depoimento de **João Evangelista de Almeida**, que fora seu aluno, José Rodrigues Benfica, [...] faleceu a 4 de setembro de 1905, na

fazenda “Correntes”, [...] sendo sepultado, a seu próprio pedido, às margens do riacho do mesmo nome. [...] Mais tarde, o então prefeito municipal Dr. Wilson Barbosa Martins, tendo construído moderno estabelecimento de ensino primário, localizado à Rua dos Barbosas, fez de Benfica o seu patrono [...]. (RODRIGUES, 1980, p. 63-65, grifo nosso).

Considera-se pertinente trazer esse excerto, pois José Barbosa Rodrigues evidencia, na introdução, que a obra foi resultado de mais de vinte anos de pesquisas em diversas fontes e registros, a fim de recuperar partes da história campo-grandense, perdidas ao longo do tempo e das reformas na Biblioteca Municipal.

Os nomes destacados revelam personalidades que conheceram e aprovaram a postura pessoal e profissional de José Rodrigues Benfica e sua relevância como primeiro alfabetizador da capital sul-mato-grossense. Muitos desses nomes são reconhecidos como importantes personalidades em Campo Grande.

Essas pessoas, inegavelmente, atribuíam ao mestre em questão reconhecimento e gratidão por sua tarefa de alfabetizar seus filhos, o que pode ser percebido pela iniciativa do abaixo-assinado. Isto retrata, ainda, o valor que era atribuído ao papel do professor na época.

Por fim, o último relato de José Barbosa Rodrigues sobre escolas, infelizmente, aparece de forma breve. É um tópico quantitativo, em que ele apresenta números de alunos matriculados em cursos preparatórios, estabelecimentos de ensino, entre outros. O título da última obra analisada é “*Campo Grande, meu amor – resumo histórico e geográfico do município*”.

Na primeira edição, impressa em 1979, e na segunda, de 1981, o autor explana dados mais exatos, sendo uma espécie de propaganda da cidade. Não há uma abordagem detalhada sobre os mestres e escolas, objeto do presente estudo:

Campo Grande é considerado como um dos Municípios mais alfabetizados do interior do Brasil. [...] Além de escolas particulares, isoladas e rurais, vários estabelecimentos escolares municipais e estaduais integram a rede de ensino de 1º e 2º graus. Aproximadamente 25.000 alunos frequentam os cursos preparatórios. O ensino médio é ministrado em 22 estabelecimentos particulares e públicos, estes mantidos ou pelo Estado ou pelo Município. O ensino normal conta com 4 escolas. O ensino superior é ministrado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS),

pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT) e pelo Centro de Ensino Superior (CESUP), com um total de 17 Faculdades frequentadas por mais de 4.000 acadêmicos. A supervisão do ensino está afeta às Secretarias de Educação e Cultura do Estado e do Município. Escolas profissionais e especializadas são representadas pelas do SENAI, SESC-SENAC, SESI e Escola Profissional 26 de agosto, além de estabelecimentos particulares de corte e costura, pintura, balet, judô, etc. (RODRIGUES, 1981, p. 29).

Como se pode observar, o capítulo intitulado “*Educação*” é bastante breve e traz a situação da capital, na época, em relação aos aspectos gerais desse campo. Portanto, a última obra analisada diferencia-se das anteriores na linguagem apresentada.

Nesse aspecto, no que tange aos registros de José Barbosa Rodrigues, ao produzir obras caracterizadas por um discurso memorialista e com grande carga de impressões pessoais e fatos históricos vivenciados, ele também se preocupou em enfatizar características gerais de Campo Grande, no intuito de destacar os motivos por admirar a cidade que o acolheu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com fontes da historiografia memorialística é um desafio que deve ser cumprido com grande cautela e suporte científico, especialmente porque precisam ser lidas à luz da historiografia acadêmica. Com relação às obras de José Barbosa Rodrigues - ainda que o memorialista não tenha como foco mestres e escolas - mostraram-se uma relevante fonte de informações.

A Escola Normal Joaquim Murтинho é focalizada não apenas pela memorialística, mas também na produção acadêmica, especialmente em Oliveira e Rodrigues (2009), quando detalharam um panorama da realidade social e política do período em que o memorialista lecionou na instituição, trazendo, inclusive, discursos de documentos oficiais.

Com relação às análises feitas nas obras de José Barbosa Rodrigues, estas se mostraram fontes de contribuições, especialmente com relação a José Rodrigues Benfica, que não aparece na historiografia acadêmica.

Após as leituras na historiografia memorialística de José Barbosa Rodrigues, captaram-se elementos confirmados e contrapostos pela historiografia acadêmica. Constatou-se, nesse aspecto, que, ao mesmo tempo em que os memorialistas trazem relatos enriquecedores, também são influenciados por percepções pessoais e que, portanto, a

historiografia acadêmica tem como função permitir a análise crítica do pesquisador sobre as obras em questão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. *Mato Grosso do Sul: o universal e o singular*. Campo Grande, MS: UNIDERP, 2003.

ALVES, Gilberto Luiz. *A casa comercial e o capital financeiro em Mato Grosso (1870-1929)*. Campo Grande: UNIDERP, 2005.

BLAY, Eva Alterman. Abdelmalek Sayad: imigração ou os paradoxos da alteridade. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 43, n. 1, 2000. p. ____.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CENTENO, Carla Vilarmina. *Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)*. 2007. Tese (Doutorado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007).

DALAROSA, Adair Ângelo. Ciência, pesquisa e metodologia na universidade. In: LOMBARDI, José Claudinei (Org.). *Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais*. Campinas: Autores Associados, 2000.

GONÇALVES, N. G.; GONÇALVES, S. A. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOMBARDI, José Claudinei. História e historiografia da educação no Brasil. In: Colóquio do Museu Pedagógico 3, 2003. Vitória da Conquista. *Anais...* Vitória da Conquista, 2003. Disponível em: <<http://www.cytron.org/pedagogia/Historia%20Ed/historia%20e%20historiografia.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari; RODRIGUEZ, Margarita Victoria. A escola normal no sul do estado de Mato Grosso (1930-1950). In: FERRO, Olga Maria dos Reis. *Educação em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1796-2006): História, historiografia, instituições escolares e fontes*. Campo Grande: UFMS, 2009.

OLMI, Alba. *Memória e Memórias*. Dimensões e perspectivas da Literatura Memorialista. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

RODRIGUES, José Barbosa. *Palavras de um professor*. Campo Grande: Livraria Rui Barbosa, 1949.

RODRIGUES, José Barbosa. *História de Campo Grande*. Campo Grande, 1980.

RODRIGUES, José Barbosa. *Campo Grande, meu amor*. 2 ed. Campo Grande: Tip. Alvorada, 1981.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce: Campo Grande cem anos de história*. Campo Grande, MS: FUNCESP, 1999.

ROSA, Maria da Glória Sá. “Múcio Teixeira Junior: o mestre que chegou aos cem anos com a sabedoria dos que constroem a história”. 2002. *Personalidades – Série Campo Grande*, ano 4, Campo Grande: 41-55.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. *A educação na literatura do século XIX*. Campinas/SP: Alínea, 2008.